

DOI: <http://dx.doi.org/10.18265/1517-0306a2021id4577>

ARTIGO ORIGINAL

SUBMETIDO 03/06/2020

APROVADO 04/01/2021

PUBLICADO ON-LINE 10/08/2021

PUBLICADO Junho de 2022

EDITORES ASSOCIADOS

Daniel Dall'Igna Ecker, Rackynelly
Alves Sarmiento Soares

Educação Física e experiências de interpele: um repensar sobre a convivência

 Dênis Davi de Oliveira
Decussatti ^[1]

 Iraquitan de Oliveira
Caminha ^[2]

[1] denis.decussatti@ifpb.edu.br
Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia da Paraíba (IFPB), Brasil.

[2] caminhairaquitan@gmail.com
Universidade Federal da Paraíba (UFPB),
Brasil.

RESUMO: Nos últimos anos, a ciência vem se dedicando a pesquisar a convivência humana, sobretudo no âmbito da educação. Devido ao caráter prático em suas práxis, a Educação Física tem se revelado um campo fértil para se pesquisar e repensar a temática. Nesse cenário, objetiva-se compreender, neste trabalho, como a convivência é construída a partir de uma intervenção que priorize a interpele. Para tanto, construiu-se, sob o paradigma fenomenológico, uma pesquisa-ação com crianças entre 9 e 10 anos. Quanto aos instrumentos, foram utilizados o teste do desenho, a observação participante, a roda de conversa e a fotografia. Como resultado, percebeu-se que vivenciar experiências embasadas no conceito de interpele estimulou crianças a se abrirem para uma maior comunicação, a repensarem o distanciamento do próximo, bem como a ampararem aqueles que as cercam.

Palavras-chave: Convivência; Educação Física; interpele.

Physical Education and Interpele Experiences: rethinking about coexistence

ABSTRACT: In recent years, science has been devoted to human acquaintanceship, especially in the education scope. Due to its practicality, in their praxis, Physical Education has proved to be a fertile field for researching and rethinking the theme. This scenario aims to understand how acquaintanceship is constructed from an intervention that prioritizes the interpele. Therefore, under the phenomenological paradigm, we constructed an action research with children between 9 and 10 years. As for the instruments, we used the drawing test, the participant observation, the talk wheel and the photograph. As a result, we realized that having experiences based on the concept of interpele stimulated children to open up to a larger communication, rethink distancing with the next, and support those around them.

Keywords: Acquaintanceship; interpele; Physical Education.

1 Introdução

Nos últimos anos, a ciência vem se dedicando a pesquisar a convivência humana, sobretudo no âmbito da educação. A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) elegeu o “aprender a conviver” como um dos pilares da educação para o século XXI (DELORS *et al.*, 1996). Desse modo, há um esforço do sistema educacional como um todo em repensar as relações construídas por seus alunos.

Nesse cenário, a Educação Física contribui repensando as relações construídas em suas aulas, por meio de vivências corporais práticas. É bem verdade que discussões dessa natureza ainda são tímidas no universo da Educação Física. No entanto, devido ao seu caráter prático em suas práxis, há uma ampla interação entre os envolvidos, revelando, assim, um campo fértil para se pesquisar e repensar a temática.

Dessa forma, para reconsiderar a convivência, necessita-se buscar experiências que provoquem, que desafiem tal situação. Merleau-Ponty (1999) lembra que o mundo nos afeta à medida que afetamos o mundo. Assim, vivências moldam nossa forma de pensar e, se se deseja alcançar novas compreensões, deve-se buscar novas experiências.

Além disso, para Freire (2007), quando se faz uma pausa para refletir sobre nossa maneira de viver, aprende-se a pensar de maneira diferente. Tal pensamento é inspirado em Hundertwasser, artista plástico austríaco, que, por meio da arte, mudou sua maneira de viver. O artista, que repensava as relações humanas a partir das construções arquitetônicas, construiu sua obra defendendo a ideia de que ainda há muito a aprender em termos de convivência: “[...] we can more consciously become witnesses of architectural changes from which we have much to learn” (HUNDERTWASSER, 1964, p. 3)¹.

Há várias definições sobre convivência, contudo, para esta pesquisa, utilizou-se a de um autor da área de Educação Física, J. B. Freire. Para o pesquisador, conviver extrapola a ideia de estar junto ou próximo a alguém; está relacionado a compartilhar algo da vida com aqueles que nos cercam (FREIRE, 2007). Motivados, então, por esse pensamento, decidiu-se construir, nesta pesquisa, uma intervenção, no intuito de gerar experiências perceptivas capazes de reformular a compreensão dos envolvidos sobre convivência.

Para tanto, embasou-se tal intervenção no conceito de *interpele*, que, para os autores, representa a interação de todas as peles hundertwasserianas. Pesquisador desse tema, Hundertwasser criou a *Teoria das Cinco Peles*, na qual entende o corpo humano como sendo constituído, metaforicamente, por cinco peles (epiderme, roupas, casas, identidade e terra). No entanto, ao se aprofundar em sua teoria, observa-se que o artista não compreende suas peles separadas umas das outras. Assim, não faz sentido abordar as peles separadamente, de forma isolada. Em virtude disso, criou-se a *interpele*, a qual representa a interação entre todas elas.

Explicados os conceitos centrais da pesquisa, coloca-se o seguinte problema de pesquisa: qual a compreensão sobre convivência a partir de uma intervenção que privilegie a *interpele*? Com isso, objetivou-se compreender como a convivência é construída a partir de uma intervenção que priorize a *interpele*. Especificamente, buscou-se construir uma intervenção na área da Educação Física que privilegie a *interpele*, bem como perceber as relações construídas entre *interpele* e a convivência e, por fim, discutir as relações criadas com a teoria hundertwasseriana.

Uma vez que a ciência vem dedicando-se a pesquisar sobre a convivência no âmbito da educação, justifica-se a presente pesquisa com a necessidade de haver

[1] Podemos conscientemente tornar-nos testemunhas de mudanças arquitetônicas das quais temos muito a aprender. (tradução nossa)

outras interpretações para a temática nesse processo. Com isso, espera-se, por meio desta pesquisa, compreender e, na medida do possível, reformular a concepção dos envolvidos sobre convivência. Dessa forma, almeja-se, nesta iniciativa, contribuir para a área, revelando novos caminhos para se pensar a convivência no âmbito da educação.

2 Metodologia

A presente pesquisa possui abordagem qualitativa, de paradigma fenomenológico, cujo tipo de estudo é uma pesquisa-ação. Godoy (1995) destaca que pesquisas qualitativas permitem uma maior aproximação entre pesquisador e pesquisados. Em relação a tal paradigma, Bicudo (2011) enfatiza que a fenomenologia se concentra na percepção do sujeito. Já quanto ao tipo de estudo, Godoy (1995) afirma que trabalhos dessa natureza valorizam o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação investigada.

A pesquisa ocorreu na escola Instituto Pessoaense de Educação Integrada (IPEI), da cidade de João Pessoa-PB. Optou-se por esse local devido à visão ampla e abrangente que essa escola possui sobre o corpo humano. Quanto aos narradores da pesquisa, foram 20 crianças (12 meninas e 8 meninos), entre 9 e 10 anos, matriculadas no quarto ano do ensino fundamental. Esse recorte etário se dá pelo fato de as crianças nessa faixa etária possuírem uma percepção prévia sobre os significados do corpo humano, mas terem ainda certa maleabilidade em suas percepções, visto que estão em processo de formação.

A intervenção proposta nesta pesquisa foi planejada considerando população, abordagem, cenário, duração da intervenção, estratégias de ação e avaliação. Em relação à população e à abordagem, definiu-se crianças, com as quais foram trabalhadas as abordagens social, política e ambiental. Quanto ao cenário, à duração da intervenção e às estratégias de ação, escolheu-se, respectivamente, a escola mencionada acima, um programa interventivo de três meses com dois encontros semanais e estratégias individuais e em grupo. Por fim, avaliou-se periodicamente a intervenção, no intuito de manter-se vigilante quanto a possíveis que pudessem surgir.

Quanto ao suporte teórico, utilizou-se os manifestos escritos por Hundertwasser e os livros *Fenomenologia da percepção* (MERLEAU-PONTY, 1999) e *O visível e o invisível* (MERLEAU-PONTY, 2012), para compreender a teoria trabalhada na intervenção. As obras *Tocar: o significado humano da pele* (MONTAGU, 1988) e *O Eu-pele* (ANZIEU, 1989) foram utilizadas para repensar o limite do corpo.

Na intervenção, contou-se com o apoio da professora de classe, da professora de Educação Física, além da psicopedagoga e da psicóloga da escola. As duas últimas acompanharam toda a intervenção, alimentando a pesquisa de informações relevantes sobre cada sujeito pesquisado.

As aulas foram divididas em três momentos: encantamento para a atividade, aprofundamento da atividade e organização do pensamento. O primeiro momento foi dedicado a conquistar a atenção das crianças para o conteúdo a ser vivenciado. O segundo esteve ligado à vivência em si, marcada por movimentos corporais dotados de sentidos e significados. Por fim, no terceiro momento, as crianças compartilharam suas experiências no intuito de construir uma compreensão coletiva das situações vivenciadas.

Utilizou-se termos de consentimento e de assentimento para cada sujeito participante. Desse modo, foram excluídas aquelas crianças que não foram autorizadas por seus

responsáveis. Em relação aos instrumentos, subdividiu-se em principais e complementar. A observação participante, o teste do desenho e a roda de conversa foram considerados como instrumentos principais. A fotografia consiste em um instrumento complementar. Optou-se por utilizá-la com a intenção de captar a oralidade do corpo (BICUDO, 2011), tendo em vista que a foto revela significados nos movimentos registrados.

Quanto ao procedimento de coleta de dados, este foi cercado de cuidados para cada instrumento utilizado. Para a observação participante, os dados coletados estavam intimamente ligados à vivência de cada aula, uma vez que foram considerados diálogos que se mostraram relevantes no decorrer das aulas. Para o teste do desenho, as crianças utilizaram papel A4 em branco, lápis de cor e hidrocor. Todos os desenhos foram construídos no final das aulas, sob a recomendação de se desenhar a própria pele. Utilizou-se esse teste pelo fato de ele incitar a imaginação e estimular a criatividade da criança (BÉDARD, 2013; CAMPOS, 1993).

As coletas nas rodas de conversa deram-se a partir dos desenhos construídos e/ou das atividades vivenciadas. Ao final das aulas, as reflexões das crianças sobre seus aprendizados nas situações vividas foram gravadas e, por fim, realizou-se o registro fotográfico dos momentos que foram considerados incapazes de serem traduzidos por meio da linguagem e/ou do desenho.

Em relação à análise dos dados, ela foi construída a partir das peculiaridades da pesquisa fenomenológica, na qual, para Bicudo (2011), os sentidos não se revelam de modo imediato, manifestando-se no decorrer da experiência vivida. Por essa razão, foi necessário debruçar-se sobre textos produzidos ao longo da intervenção. Em relação a esses textos, não se limitam ao registro verbal escrito, mas abrangem as formas não verbais do desenho e/ou qualquer forma de expressão evidenciada na intervenção.

Sendo assim, nas análises da pesquisa, adotou-se as seguintes fases propostas por Bicudo (2011): ler atentamente os escritos, colocar em evidência os sentidos, estabelecer unidades de sentido e efetuar síntese das unidades de sentido. Vale salientar que, para o desenho, optou-se por não se concentrar em uma análise técnica, mas sim tomar como ponto de partida a subjetividade revelada.

Por fim, cumpre dizer que se trata de uma pesquisa de doutorado, submetida e aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal da Paraíba, com o identificador CAAE 56358016.4.0000.5188.

3 Resultados e discussões

Os resultados desta pesquisa serão abordados em três subtópicos, expostos abaixo:

3.1 Abrir a janela para o outro

De início, observou-se que a percepção do corpo, quando associada à *interpele*, aproxima-se da noção de convivência. É possível reconhecer tal aproximação a partir da concepção de Freire (2007) sobre conviver. Conforme citado anteriormente, o ato de conviver extrapola a ideia de viver junto ou próximo a alguém, pois está relacionado, sobretudo, a compartilhar algo da própria vida.

No decorrer da intervenção, identificou-se situações vividas que se aproximam desse ato de partilha, destacado por Freire (2007). Ao vivenciar uma dessas situações, surge uma reflexão, sintetizada aqui na forma de declaração de uma das crianças, sobre o significado de experienciar a *interpele*: “Eu aprendi que a pele de um é a pele do

outro”. A partir dessa reflexão, a expressão “a pele de um é a pele do outro” ganha força e se torna um ponto de partida para reflexões mais aprofundadas.

Essas reflexões, sustentadas na expressão citada acima, encaminham-se à metáfora da janela de Hundertwasser (1972, 1975, 1990, 1991). O artista, que tinha o hábito de utilizar elementos arquitetônicos para repensar as relações humanas, compreende a janela como elemento de ligação, de união com o próximo. Em seu manifesto *Hundertwasser on Hundertwasser* (1975), no qual reflete sobre as relações criadas no decorrer de sua vida dedicada à arte, há, em um ponto de vista, um destaque sobre a importância de manter-se as janelas abertas para o próximo: “I have succeeded in throwing windows open” (HUNDERTWASSER, 1975, p. 2).

Analisando as obras do artista, observa-se claramente que as janelas possuem um papel de destaque, exatamente por sua função integradora com aqueles que nos cercam. Ao interpretar seu manifesto *Window dictatorship and window rights* (HUNDERTWASSER, 1990), compreende-se que cada um tem seu próprio jeito de viver e, recorrendo ao pensamento arquitetônico hundertwasseriano, descobre-se que a janela é o elemento capaz de unir esses diferentes modos de existência.

Atento aos diferentes jeitos de viver, Caminha (2012) destaca a escola como um espaço essencial para congregar as diferenças e, com isso, ensinar-se a convivência. É na escola que a criança se depara com o diferente e descobre que o mundo não é constituído apenas por semelhanças. Freire (2007), ao escrever sobre a importância de se exercitar a convivência, mostra o considerável papel do diferente em nossas vidas, pois é a partir dele que repensamos nossas convicções.

Desse modo, com atenção ao seu papel em relação às diferenças, considera-se a escola como um espaço ideal para ensinar – aproveita-se aqui para utilizar uma expressão hundertwasseriana – a abrir a janela para o próximo e, com isso, estimular a convivência. Ao vivenciarem a *interpele*, percebe-se nas crianças uma maior abertura para a proximidade em relação àqueles que as cercam, revelando, inclusive, aprendizados como: “quando eu cuido de minhas peles, é, também, a pele do outro que estou cuidando”.

É importante lembrar que, para Silva (2007), deve-se permanecer atento ao que as brincadeiras estão ensinando em termos de convivência, principalmente no ambiente escolar. Seguindo esse pensamento, mergulha-se ainda mais na investigação e compreensão das percepções reveladas pelas crianças, especialmente quando referem que “a pele de um torna-se a pele do outro”.

3.2 Ao abrir a janela, veste-se o outro com sua própria pele

O aprofundamento nas percepções infantis deu-se a partir da construção de desenhos, dos quais se expõem alguns a seguir. Nesses desenhos, a convivência, na perspectiva de Freire (2007), é intensa, ao ponto de ocorrer uma mistura das cores, representando, assim, o compartilhamento da própria pele. Além dos desenhos revelarem aspectos da convivência por meio de sua concepção de partilha, o fato de as crianças se desenharem constituídas por outras peles para além da sua desperta para reflexões ligadas ao limite do próprio corpo.

Figura 1 ▶

Desenhos construídos por crianças. Fonte: dados da pesquisa



Esses desenhos fazem repensar o limite da própria pele, que se abre para um diálogo com outras, o que encaminha para o conceito de *Eu-pele*, de Anzieu (1989). Para o autor, *Eu-pele* consiste em uma união simbólica, uma simbiose, entre duas diferentes peles – no caso, a do bebê e a de sua mãe. Os cuidados maternos com o bebê, estimulando o contato em seus braços, apertando-o contra seu próprio corpo, promovendo trocas de calor, geram essa pele única entre os envolvidos nessa relação.

Sabe-se que aqui não se trata de mãe e bebê, contudo, há uma aproximação entre duas diferentes peles. Essa união, assim como no *Eu-pele*, dá-se por meio do contato, da aproximação, do afeto entre os envolvidos. Nos desenhos, ao estimular o maior contato entre as crianças, a comunicação entre elas se intensifica ao ponto de, metaforicamente, compartilharem as próprias peles.

O que se percebe nesse repensar dos limites epiteliais, por assim dizer, é a exaltação da convivência entre as crianças, tendo em vista que está aliada à ideia de partilha, e a metáfora da janela entre elas, pois estas se abrem para um diálogo com outras peles. Nesse cenário de aproximação, do conviver, do coabitar e coexistir, surge outra expressão que simboliza esse compartilhamento: *vestir o outro*. Ao desenharem sua pele compartilhada, observa-se, no ato do desenho, diálogos que faziam referência a estarem vestindo o outro com suas próprias peles.

Tal expressão impulsiona a um maior aprofundamento da concepção de partilha freireana. Para tanto, recorre-se ao conceito de percepção de Merleau-Ponty (1999). Para o filósofo, percebe-se o mundo com o próprio corpo. Logo, se se intenciona buscar novas percepções, é necessário vivenciar novas experiências. Assim, com base nesse pensamento, compreendeu-se que, para aprofundar ainda mais a expressão *vestir o outro*, era necessário vivenciar experiências vinculadas à ideia expressa.

Com isso, retoma-se a *Teoria das Cinco Peles*, atentando-se ao fato de que a vestimenta também representa uma pele. Após essa compreensão, foram construídas oficinas nas quais cada criança reproduzia livremente, em uma camiseta branca, a sua própria pele. Para esse momento, utilizou-se a mesma recomendação feita na construção dos desenhos: desenhar sua própria pele.

Figura 2 ▶
Fotos da intervenção
Fonte: dados da pesquisa



Após a construção das camisetas, juntamente com as crianças, decidiu-se que cada uma doaria sua vestimenta confeccionada. Tomou-se essa iniciativa com base na ideia de convivência, pois, como visto anteriormente, ela está associada a partilhar algo da própria vida. Além do mais, tomou-se como inspiração Caminha (2012), que afirma que a escola é o espaço ideal para se ensinar a convivência. Assim, utilizou-se o espaço escolar para vivenciar a experiência de construir metaforicamente a pele, vestir o outro com essa mesma pele e, por fim, compartilhá-la, exercitando, com isso, a convivência em sua essência: “Já que o outro é nossa pele, então faz sentido dar a camiseta e cuidar do outro” (diálogo entre os alunos).

3.3 Ao vestir o outro, amparamo-lo de alguma forma

Autores ligados à tradição da Educação Física, como Caminha (2007), Freire (2007) e Silva (2007), vêm alertando sobre a importância de se pesquisar a convivência

na educação. Com inspiração nessa discussão, encontrou-se, no conceito de *interpele*, uma possibilidade de experimentar essa convivência, compartilhando, mesmo que simbolicamente, nossas peles. A ação de doar uma vestimenta que simboliza ser extensão de nós mesmos, e com isso vestir o outro com a pele, representa claramente a essência do conviver.

Assim, o ato de compartilhar metaforicamente a pele corresponde a uma maneira de oferecermos ao outro também o amparo. A ação, inicialmente inspirada na construção dos desenhos com peles compartilhadas, concretizando-se na doação dessas mesmas peles em forma de camisetas, desemboca em uma espécie de Eu-pele que se mistura com o próximo e o ampara. Justifica-se o esforço em amparar o próximo com Winnicott (1975), para quem o ser humano é, por natureza, desamparado. Com isso, considera-se que oferecer amparo é uma necessidade, sobretudo quando se trata de crianças.

O desenho a seguir deixa clara a busca por esse amparo, visto que há um reconhecimento da escola como um espaço receptivo e acolhedor. No desenho, há uma associação do espaço escolar com um espaço familiar.

Figura 3 ▶
Desenho construído por
uma criança. Fonte: dados da
pesquisa



É verdade que, para Bicudo (2011), o percebido não é um estímulo isolado, tendo em vista que está mergulhado em sua amplitude. No caso, certamente outras questões ligadas à escola fazem as crianças entendê-la como um espaço acolhedor. Entretanto, não se pode ignorar o fato de que vivenciar a *interpele* as aguçou para esse tipo de percepção, de associar a escola a um espaço familiar, onde, possivelmente, encontra-se o amparo.

Assim, promover uma intervenção que acentuasse a *interpele* fez compreender a escola como um espaço acolhedor, ideal para compartilhar nossas peles. Somado a isso, entende-se a escola, também, como um espaço ideal para – aproveita-se aqui para utilizar novamente a expressão hundertwasseriana – abrir a janela para o próximo e promover, com isso, o amparo. Ressalte-se que, para Winnicott (1975), o ser amparado aproxima-se

de um estado de saúde. Nesse caso, para que sejamos seres saudáveis, necessitamos que nos seja ofertado amparo.

Dessa forma, vivenciar a *interpele* despertou as crianças para a convivência, ao passo que as motivou a compreender o espaço escolar como um local onde podem encontrar o amparo, aproximando-as, com isso, de um maior estado de saúde winnicottiana. A experiência de uma das crianças sintetiza a colocação. Após vivenciar experiências sobre a *interpele*, a própria criança pediu para escrever uma poesia, na qual, em um olhar mais atento, observa-se que toca na ideia de amparo ao falar sobre o ato de cuidar, conviver e compartilhar nossas peles. Por fim, recorre-se a esses versos, tão caros ao aprendizado:

Este momento foi esplêndido, tudo que senti cada sensação.
Tudo tão importante para a minha conclusão, da mais perfeita estação.

É como se o universo conspirava comigo e vibra-se contra mim.
É um tipo de fecha e abre de uma casca de amendoim.

Todo aquele momento, cada segundo a pensar.
Quem estava nas minhas costas, ao mesmo tempo adivinhar.

Além disso uma ciranda dupla, um para o lado e um para o outro.
É como se fosse um cientista mais maluco do que louco.

Cuide de um cuide de outro, não se esqueça, a pele de um é a pele do outro.
(Poesia construída por uma criança).

4 Considerações finais

Ainda há muito a discutir sobre convivência no espaço escolar, sobretudo no âmbito da Educação Física. Observa-se que, nessa área, as discussões ligadas a essa temática caminham para uma compreensão de convivência associada à concepção de partilha, em que conviver é compartilhar algo da própria vida com alguém. Nesse pensar, construiu-se uma intervenção na qual se enfatizou a *interpele*, capaz de criar reflexões aprofundadas sobre o ato de partilhar metaforicamente a própria pele e, conseqüentemente, repensar a convivência com aqueles que nos cercam.

Inicialmente, percebeu-se que, para incorporar a essência do conviver, seria necessário abrir-se para uma relação de maior proximidade com o outro. Para tanto, utilizou-se a metáfora da janela de Hundertwasser como um caminho para estimular contato, estabelecer comunicação e criar diálogo entre as crianças. Posteriormente, motivados pela metáfora em questão, surgiram reflexões sobre os limites epiteliais, despertando para o fato de que, ainda metaforicamente, quando se compartilha a pele, veste-se o outro com essa mesma pele.

Por fim, esse pensamento de vestir o outro com a própria pele impulsiona à concepção de amparo winnicottiano. Nessa concepção, somos seres desamparados por natureza e, para nos aproximarmos de um estado de saúde, buscamos constantemente o amparo tão desejado. Assim, vestir o outro com nossa pele é uma forma de ampará-lo e, conseqüentemente, aproximá-lo de uma vida mais saudável.

Com isso, considera-se que abordar a *interpele* nas aulas de Educação Física favorece a convivência, tendo em vista que, ao abrirmos a janela para a relação com aqueles que nos cercam, convidamos a partilhar nossa própria pele, estimulando o amparo e, conseqüentemente, uma vida mais saudável.

Referências

- ANZIEU, D. **O Eu-pele**. 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1989.
- BÉDARD, N. **Como interpretar os desenhos das crianças**. 1. ed. São Paulo: Editora Isis, 2013.
- BICUDO, M. A. V. A pesquisa qualitativa olhada para além dos seus procedimentos. *In*: BICUDO, M. A. V. **Pesquisa qualitativa segundo a visão fenomenológica**. São Paulo: Cortez, 2011. p. 11-28.
- CAMINHA, I. O. Fenomenologia e educação. **Revista Acadêmica de Filosofia**, ano 5, n. 2, p. 11-21, 2012. Disponível em: <http://periodicos.uern.br/index.php/trilhasfilosoficas/article/viewFile/762/412>. Acesso em: 28 maio 2015.
- CAMPOS, D. M. S. **O teste do desenho como instrumento de diagnóstico de personalidade**. 22. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.
- DELORS, J. (org). **Learning: the treasure within; report to UNESCO of the International Commission on Education for the Twenty-first Century (highlights)**. Paris: UNESCO, 1996. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000109590>. Acesso em: 03 abr. 2022.
- FREIRE, J. B. Conviver e aprender. *In*: SILVA, P. N. G.; CAMINHA, I. O. (org.). **Aprender a conviver: um enigma para a educação**. João Pessoa: Editora UFPB, 2007. p. 49-64.
- GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-75901995000200008>.
- HUNDERTWASSER, F. **Hundertwasser on Hundertwasser**. 1975. Disponível em: <http://www.hundertwasser.at/english/texts/philosophie.php>. Acesso em: 16 ago. 2021.
- HUNDERTWASSER, F. **Mouldiness Manifesto Against Rationalism in Architecture**. 1964. Disponível em: <https://www.hundertwasser.at/english/texts/philoverschimmelungsmanifest.php>. Acesso em: 16 ago. 2021.
- HUNDERTWASSER, F. **The third skin**. 1991. Disponível em: https://www.hundertwasser.com/en/texts/die_dritte_haut. Acesso em: 10 fev. 2021.
- HUNDERTWASSER, F. Tu derecho a la ventana. 1972. *In*: RAND, Harry. **Hundertwasser**. Madrid: Taschen, 2007. p. 146-146.
- HUNDERTWASSER, F. **Window dictatorship and window rights**. 1990. Disponível em: <https://www.hundertwasser.at/english/texts/philofensterdiktatur.php>. Acesso em: 10 out. 2021.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- MONTAGU, A. **Tocar: o significado humano da pele**. 1. ed. São Paulo: Summus, 1988.
- SILVA, P. N. G. A brincadeira de dar susto e o jogo da convivência. *In*: SILVA, P. N. G.; CAMINHA, I. O. (org.). **Aprender a conviver: um enigma para educação**. João

Pessoa: Editora UFPB, 2007. p. 65-86.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.